

O MASCULINO IN-INTERROMPIDO: GAGUEIRA, PERFORMANCE VOCAL E NORMATIVIDADE DA FLUÊNCIA¹

Café Cafeseiro (UFG/Goiás)

Resumo: Este trabalho investiga o entrelaçamento entre gagueira, masculinidade e performance vocal sob o signo da normatividade da fluência. Para homens que gaguejam, a disfluência excede o campo comunicacional e funciona como marcador social, reorganizando expectativas que constituem a fala masculina hegemônica. Ao introduzir pausas, repetições e hesitações, a gagueira desorganiza as métricas produtivistas dessa fala e expõe seu caráter performativo, convertendo-se em fragilidade e incompetência dentro do regime fluidocêntrico. Articulando netnografia e autoetnografia, a partir de postagens e comentários em ambientes digitais, e mobilizando os estudos críticos da deficiência, a teoria *crip* e os estudos de masculinidades, sustenta-se que essa experiência não se reduz à soma entre capacitismo e estigma individual. Trata-se antes de um dispositivo relacional de regulação da escuta, que estabelece quem pode falar, por quanto tempo e sob quais condições de reconhecimento. Em contextos institucionais, esse dispositivo aciona mecanismos recorrentes de interrupção, correção e silenciamento, ainda que também abra fissuras para estratégias de negociação em que a disfluência se reinscreve como gesto político. Conclui-se que a masculinidade, longe de restringir-se a atributos corporais visíveis, constitui um regime acústico que organiza tempos, ritmos e expectativas da fala. Ao romper a linearidade vocal exigida do masculino, a gagueira revela a historicidade dessas normas e torna-se prática de resistência, produtora de outras formas de presença, escuta e reconhecimento no espaço público contemporâneo.

Palavras-chave: Fluência; Masculinidade; Capital Comunicativo.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Amigo, espero que você e sua namorada estejam bem.

Alê me encaminhou um vídeo de um jogador de futebol. Não o conhecia, mas o vídeo dele era referente à sua gagueira e, mais uma vez, me peguei pensando naquilo que sustenta uma fala, não apenas o ar que passa, o som que vibra, mas o conjunto de expectativas que a antecedem e a julgam antes mesmo de se completar. Lembrei de você, do seu modo de escutar com presença, da sua gagueira que tanto gosto de ouvir, e senti vontade de escrever. Talvez porque algumas coisas só consigam existir quando encontram uma escuta que não apressa.

Tenho vivido o peso e a invenção de falar em um contexto que exige algo que não possuo. Sinto que qualquer hesitação parece excesso, qualquer pausa vira falha, qualquer repetição, erro gigantesco. E, nesse momento, me encontro mexido; não sei se essa seria a melhor palavra para expressar, mas me encontro na tentativa utópica de expurgar essa repetição.

Estou te escrevendo porque tenho tentado entender de onde vem essa tentativa que antes não residia aqui e como a exigência de fluidez se entrelaça com outras, agora, especialmente aquelas que atravessam o que se espera de um homem. Como se a voz tivesse que performar uma espécie de virilidade da fluência. Como se falar fosse também provar algo o tempo todo. Olha o quanto significativo foi o jogador de futebol sair do armário da gagueira, mas observa-se como os torcedores/não-torcedores homens reagiram.

Isso realmente identifica o que analisei na dissertação, existe uma norma que organiza quem pode falar, como falar, por quanto tempo e sob quais condições será escutado. Não é só sobre dizer, é sobre ser autorizado a permanecer na cena da fala sem ser interrompido, corrigido ou antecipado. Talvez você reconheça isso: quantas vezes alguém já completou uma frase sua, como se ajudasse, mas, no fundo, encerrasse ali a possibilidade de existência daquela voz?

Quis te escrever porque sei que você entende que escutar é mais do que esperar a vez de falar. É sustentar o tempo do outro sem capturá-lo. O *crip time* que conversamos na última reunião. Como não podemos nos encontrar, você com sua xícara de café e eu com a minha de achocolatado, te escrevo, em linhas talvez um pouco tortas, gaguejantes, talvez entrecortadas, mas honestas. Quem sabe elas encontrem em você esse lugar de escuta, onde até a repetição não precise ser corrigida, apenas vivida.

Saudades, até o próximo encontro do coletivo,
Café.

15 de fevereiro de 2026

Nessa pesquisa apresento minha primeira aproximação com o tema ao qual pretendo me dedicar, buscando refletir sobre os atravessamentos entre gagueira, masculinidade e performance vocal. Partindo do argumento de que, para homens ga-ga-gaguejantes, a disfluência ultrapassa o campo da comunicação individual, operando enquanto um marcador social capaz de...de reorganizar expectativas normativas de masculinidade.

Para desenvolver essa reflexão, recorro à netnografia, compreendida como uma metodologia de caráter observacional fundamentada no trabalho de campo realizado em ambientes digitais (Kozinets, 2014). Também mobilizo a autoetno-etnografia, entendida como uma abordagem em que a experiência do próprio pesquisador se torna ponto de partida para a análise de fenômenos sociais e culturais relacionados ao contexto do qual ele faz parte (Gama, 2020). Nesse movimento, experiência e análise não aparecem dissociadas; a voz-voz que investiga é atravessada pelas mesmas normas, tensões e violências que busca compreender.

A escolha pela escrita autoetno-etnográfica não se sustenta somente pelo reconhecimento de que narrativas em primeira pessoa possuem relevância política na produção de conhecimento sobre grupos historicamente silenciados (Gama, 2020). Tampouco decorre apenas da compreensão de que pesquisas autoetnográficas permitem trazer à tona experiências frequentemente não ditas, especialmente aquelas marcadas pela vergonha, pela violência e pelo apagamento social. A escrita deste trabalho emerge, sobretudo, da impossibilidade de separar meu corpo daquilo que investigo.

Escrever a partir da-da gagueira sendo gague...guejante significa ocupar simultaneamente a posição de pesquisador e de sujeito das normas que analiso. Diferentemente de abordagens tradicionais que localizam a gagueira apenas enquanto disfunção comunicativa ou questão clínica, parto do entendimento de que a fluência opera como um dispositivo biopolítico de regulação social (Cafeseiro, 2026). A escrita deste texto também emerge como um exercício de elaboração subjetiva, uma *escrita terapêutica*. Durante o processo de finalização da minha di-dissertação, realizei uma busca pela palavra “gago-gago-gago” na rede social X (Twitter). Os resultados encontrados produziram em mim uma série de reverberações afetivas, nenhuma delas positiva. Entre piadas, insultos e performances de ridicularização, a gagueira aparecia, reiteradamente, capturada pelo registro do humor e da-da desqualificação.

Pouco tempo depois, Alexandra, dona do perfil do Instagram Vozes Gagas, repostou uma entrevista do jogador de futebol João Gomes falando publicamente sobre sua ga-gagueira. Embora eu não me interesse por futebol, a entre-tevista me atravessou de forma significativa.

Havia algo de diferente na cena de um homem, jogador profissional e figura pública, expondo sua disfluência sem convertê-la imediatamente em vergonha ou silêncio.

Semanas depois de assistir...assistir ao vídeo, decidi — talvez movido por um impulso que reconheço como masoquista— realizar novamente a busca pela palavra “gago” no X. Dessa vez, deparei-me com a entrevista realizada pela TNT Sports com o mesmo jogador. Contudo, o que chegou até mim não foi a postagem original, mas o *repost* feito por...por um perfil brasileiro, acompanhado por uma série de comentários que me impulsionaram a estar escrevendo neste momento.

A partir desta abordagem net/autoetnográfica, mesclo capturas de tela de comentários publicados na rede social X com relatos produzidos a partir das minhas próprias memórias e afetações. Compreendo a autoetnografia como um gênero autobiográfico que permite investigar a cultura na qual se está inserido a partir da própria-própria-própria experiência vivida, assumindo a vulnerabilidade e a implicação subjetiva como partes constitutivas da análise (Gama, 2020). Nesse sentido, as cenas, comentários e interações aqui mobilizados são como fragmentos de experiências sociais que atravessam o corpo de quem escreve.

Por isso, interessa-me menos produzir uma-uma descrição totalizante dos sujeitos envolvidos nas interações analisadas do que compreender os regimes de sentido que organizam a circulação social da gagueira. Não escrevo aqui para estabelecer julgamentos morais entre sujeitos, sequer para reduzir determinados indivíduos à violência de suas falas. O-O-O foco da análise repousa sobre aquilo que emerge nas relações, nos comentários, nas risadas, nos silêncios e nos modos pelos quais a dis-disfluência é transformada em espetáculo, constrangimento ou desautorização. Os sujeitos aqui mencionados operam, sobretudo, como dispositivos analíticos que permitem observar como a norma da fluência, masculinidade e inteligibilidade vocal continua sendo reiterada no cotidiano digital.

Como forma de escrita experimental que considera a potência subjetiva inscrita no duplo vínculo entre antropólogo e nativo (Mello, 2019), adoto, ao longo do texto, uma escrita gaguejada. A gagueira presente na escrita não compõe um recurso ficcional, sendo produzida a partir da gravação da minha própria leitura do texto escrito, sendo posteriormente incorporada. Trata-se, portanto, de uma tentativa de inscrever no corpo do texto as marcas vocais da disfluência, deslocando a gagueira do lugar de erro para compreendê-la também como linguagem.²

² Dessa forma, o uso de “...” corresponde aos momentos de bloqueio e prolongamento da fala, enquanto o emprego do “-” indica repetições silábicas ou lexicais. Mais do que reproduzir graficamente uma característica da fala gaga, busco tensionar as expectativas normativas de fluidez que organizam tanto a oralidade quanto a própria escrita

FLUÊNCIA, MASCULINIDADE E CAPITAL COMUNICATIVO

Pensar a fluência exige deslocá-la da ideia restrita de “*falar bem*”. A fluência não diz respeito apenas à velocidade-velocidade ou à ausência de interrupções na fala; envolve modos de circular pelos meios sociais com conforto, reconhecimento e legibilidade. Ser fluente é mover-se sem atrito por deter-determinadas paisagens culturais, como se o corpo soubesse intuitivamente o ritmo esperado das interações, o tempo adequado da resposta, a entonação legítima da voz. Há, portanto, uma dimensão profundamente social na fluência, na qual ela não se limita à linguagem, mas atravessa formas de habitar espaços, de produzir vínculos e de tornar-se inteligível diante do outro. Assim, a fluência aproxima-se de uma experiência contínua de trânsito entre normas, afetos e expectativas que organizam a vida coletiva.

A partir disso, observamos que a fluência, portanto, ocupa uma posição de grande valor simbólico, não como condição natural, mas como norma que precisa ser continuamente produzida e mantida por meio de investimentos biopolíticos (St. Pierre, 2022). Muito além de um atributo técnico da comunicação, funcionando como marcador social de competência, autocontrole e inteligibilidade. Falar de forma contínua, rápida e sem hesitações é frequentemente interpretado como sinal de preparo e segurança, especialmente em contextos institucionais atravessados-atravessados por lógicas produtivistas. Nesse enquadre, a fala opera como tecnologia de validação social dos sujeitos.

Essa dinâmica da fluência aproxima-se da capacidade corporal compulsória (McRuer, 2024), isto é, a exigência reiterada de adequação a formas corporais consideradas eficientes e produtivas. Assim como a heterossexualidade compulsória organiza regimes de desejo e pertencimento, a fluência compulsória organiza regimes de escuta e reconhecimento, produzindo a expectativa de que toda fala deva ser contínua e imediatamente inteligível. A fluidez vocal transforma-se, então, em um ideal normativo da comunicação, de modo que qualquer interrupção na tempo-temporalidade da fala passa a ser percebida como falha individual, e não como efeito das próprias normas que regulam os corpos e suas possibilidades de expressão.

Lembro que na infância, antes mesmo de compreender o que era a gagueira, eu já havia aprendido que existiam formas *certas* de ocupar a fala. Algumas vozes pareciam atravessar os ambientes com facilidade: respondiam rapidamente, contavam histórias sem interrupções,

acadêmica. Ao gaguejar o texto, procuro fazer com que a disfluência deixe de aparecer apenas como tema analisado e passe a atravessar a própria forma da narrativa.

arrancavam risadas no tempo exato da conversa. Eram falas que circulavam sem produzir estranhamento. Eu-Eu-Eu observava atentamente essa fluidez, quase como quem tenta decifrar uma regra silenciosa de pertencimento. Aos poucos, fui percebendo que a fluência produzia somente a comunicação; ela organizava hierarquias entre os corpos que podiam falar sem esforço aparente e aqueles cuja fala exigia negociação constante com o olhar do outro.

Na escola, essa percepção tornava-se ainda mais intensa. Ler em voz alta, apresentar trabalhos ou simplesmente responder à chamada eram situações atravessadas por uma antecipação corporal difícil de explicar. Antes-Antes mesmo da palavra surgir, meu corpo já calculava possibilidades de falha, desvios respiratórios, bloqueios iminentes. Enquanto alguns colegas falavam de maneira automática, como se a voz coincidissem perfeitamente com o pensamento, eu experimentava a fala como um território de vigilância permanente. Havia sempre a expectativa de que eu acompanhasse o ritmo coletivo da comunicação, como se existir socialmente dependesse da capacidade de manter a voz em movimento contínuo.

Com o tem-tempo, comecei a perceber que a fluência operava como uma espécie de passaporte social. Pessoas fluentes eram frequentemente associadas à inteligência, maturidade, liderança e preparo. Seus silêncios eram interpretados como reflexão; os meus, muitas vezes, como incapacidade, nervosismo ou despreparo. A fala fluida parecia carregar uma autoridade quase naturalizada, enquanto qualquer quebra na temporalidade vocal tornava-se excessivamente visível. Foi assim que compreendi, ainda sem possuir linguagem teórica para nomear essa experiência, que a fluência não era apenas uma característica da fala, mas uma norma corporal profundamente atravessada por relações de poder, reconhecimento e exclusão.

Sendo assim, a disfluência não constitui apenas o antônimo da fluência; ao transgredir normas sociais e dessincronizar o tempo esperado da comunicação, ela ameaça a inteligibilidade do sujeito no interior das relações sociais, desqualificando uma mensagem enquanto mensagem e um mensageiro enquanto mensageiro. Considerando que essa ameaça ao reconhecimento social é vivenciada de maneira ainda mais complexa por sujeitos atravessados por múltiplos eixos de opressão, a disfluência passa a representar o apagamento de um sujeito comunicativo e a erosão do capital co-comunicativo (St. Pierre, 2022).

Essa noção de capital comunicativo permite compreender que a comunicação não opera como um campo neutro de trocas, mas como uma economia moral e política na qual determinadas formas de fala acumulam legitimidade social, enquanto outras são continuamente desvalorizadas. Inspirado na noção bourdieusiana de capital simbólico, St. Pierre (2022)

demonstra que a fluência funciona como um recurso socialmente valorizado, capaz de ampliar possibilidades de reconhecimento, autoridade e pertencimento. Não se trata apenas da capacidade de transmitir informações, mas da aptidão de corresponder às expectativas normativas que regulam quem pode ser escutado sem desconforto, interrupção ou sus-suspeita.

Nesse sentido, o capital comunicativo não está distribuído igualmente entre os sujeitos. Ele depende da pro-proximidade entre determinados corpos e os ideais normativos da comunicação da fluência. Dessa forma, torna-se particularmente evidente em instituições modernas organizadas por regimes temporais acelerados, nas quais a velocidade da fala frequentemente é confundida com velocidade do pensamento. Como argumenta Garland-Thomson (1997), corpos que escapam às expectativas normativas de funcionamento tornam-se hipervisíveis, passando a ser lidos prioritariamente a partir da diferença corporal que carregam. No caso da disfluência, a atenção desloca-se daquilo que é dito para o modo como a fala emerge, produzindo uma espécie de captura do sujeito pela materialidade de sua própria voz.

A queda do capital comunicativo manifesta-se, portanto, de maneira cotidiana e relacional. Ela aparece nas frases completadas pelo outro, nos olhares de impaciência, na redistribuição involuntária dos turnos de fala e na necessidade constante de pro-provar competência antes mesmo de iniciar uma frase. São pequenas tecnologias sociais de correção e gerenciamento da temporalidade vocal que, embora frequentemente naturalizadas, operam como dispositivos de disciplinamento da comunicação. Conforme Foucault (2011), o poder não atua apenas por pro-proibição, mas sobretudo pela produção de normas que organizam modos legítimos de existir, mover-mover-se e falar. A fluência compulsória emerge, nesse cenário, como uma dessas normas regulatórias que definem quais temporalidades vocais serão re-reconhecidas como aceitáveis no interior da vida social.

Para sujeitos situados em múltiplas margens sociais, a perda de capital comunicativo adquire efeitos ainda mais violentos. Quando raça, gênero, sexualidade, deficiência e classe atravessam conjuntamente a experiência da disfluência, a ruptura da fluidez vocal pode intensificar processos históricos de silenciamento e desautorização. A dificuldade de acessar reconhecimento comunicativo não ocorre isoladamente; ela se articula a outras formas de precarização da escuta já impostas a corpos considerados desviantes, excessivos ou inadequados. Nesses casos, a disfluência não interrompe apenas frases; ela interrompe a possibilidade de ocupar plenamente o espaço público da palavra.

No interior dessa economia simbólica da fala, a masculinidade ocupa lugar central. Diversos estudos sobre masculinidades demonstram que a construção social do masculino está

historicamente associada à ideia de domínio, firmeza e capacidade de imposição da presença sobre o outro. Connell (2013), ao formular o conceito de masculinidade he-hegemônica, evidencia que determinados modelos de masculinidade se tornam culturalmente dominantes justamente porque conseguem articular autoridade, racionalidade e poder. A voz masculina, nesse contexto, frequentemente aparece atravessada por expectativas de es-tabilidade, assertividade e segurança.

A performance vocal masculina não diz respeito apenas ao conteúdo do que é dito, mas ao modo como o sujeito sustenta ritmos, velocidades, tonalidades e con-continuidades da fala. A masculinidade hegemônica exige uma vocalidade linear, firme e con-trolada. Hesitar, pausar excessivamente, repetir sílabas ou demonstrar instabilidade vocal pode ser interpretado como falha per...formativa diante das expectativas normativas do masculino. Como observa Butler (2019), os gêneros não correspondem a essências naturais, mas a efeitos reiterativos de normas performativas que precisam ser continuamente encenadas para produzirem reconhecimento social. A masculinidade, portanto, não existe previamente ao ato; ela depende de repetições corporais e discursivas que a estabilizem socialmente.

Nesse cenário, a gagueira introduz uma ruptura particularmente sensível. A disfluência interrompe a linearidade temporal esperada da fala masculina e desorganiza expectativas associadas à prontidão verbal e ao domínio comunicacional. Não se trata apenas de uma dificuldade articulatória localizada no indivíduo, mas de uma quebra na performance socialmente esperada da virilidade vocal. O corpo gago frequentemente passa a ser percebido como incapaz de sustentar os atributos tradicionalmente vinculados ao masculino hegemônico: firmeza, rapidez, autoridade e controle emocional.

Essa desautorização não ocorre somente através de discursos explícitos de preconceito. Ela se manifesta também nas microdinâmicas cotidianas de interação: interrupções constantes, antecipações de palavras, olhares de impaciência, risadas, correções involuntárias e deslocamentos da atenção do conteúdo da fala para sua forma. Tais experiências revelam que a in-inteligibilidade social da masculinidade está profundamente vinculada à inteligibilidade da voz. O homem gago frequentemente é colocado em uma posição am...bígua: ao mesmo tempo em que continua sendo interpelado pelas exigências normativas do masculino, encontra dificuldades em corresponder aos critérios vocais que sustentam esse reconhecimento.

Como aponta Davis (2015), os regimes normativos da modernidade operam produzindo corpos considerados adequados a determinados padrões de funcionalidade, eficiência e produtividade. A normatividade da fluência pode ser compreendida como parte desse

pro...cesso. A fala fluente converte-se em requisito implícito de par-participação social plena, especialmente em espaços atravessados por disputas de autoridade, credibilidade e legitimidade pública. A gagueira, nesse contexto, emerge como diferença corporal que tensiona os parâmetros normativos da comunicação eficiente.

No caso dos homens, essa tensão adquire contornos específicos porque a masculinidade hegemônica frequentemente transforma a voz em instrumento de validação da própria virilidade. Voz firme, fala rápida e capacidade de resposta imediata tornam-se atributos associados à competência masculina. A disfluência rompe esse roteiro ao introduzir pausas, prolongamentos e repetições que desaceleram a interação e tornam visível aquilo que a norma busca apagar: a insta-instabilidade constitutiva da própria linguagem.

A DISFLUÊNCIA COMO TENSÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Conforme argumenta St. Pierre (2015), a leitura da temporalidade da fala como deficiente ou anormal é produzida por uma ordem temporal heteronormativa-masculina, sustentada pela valorização de uma linearidade contínua e dissociada das variações do tempo corporal. Nesse regime temporal, qualquer fuga de norma passa a ser compreendida como falha. Assim, quando a fala escapa às expectativas normativas de fluidez e velocidade, a própria performance da masculinidade do sujeito é tensionada, tendo sua legitimidade social reduzida.

Saindo brevemente da gagueira, trago à cena meu tio materno. No dia 10 de novembro de 2024, ele sofreu um AVC isquêmico extenso. A partir desse acontecimento, diversas de suas performances enquanto sujeito — e, nesse contexto, principalmente enquanto homem — passaram por contínuas transformações. Entre as sequelas produzidas pelo AVC, a única que ainda permanece é a afasia. Em decorrência dela, sua fala, sua capacidade de compreensão e sua formulação da linguagem foram de certa maneira comprometidas, tornando-o aquilo que St. Pierre (2015) compreende como um fa-falante deficiente, isto é, um sujeito cuja comunicação passa a ser marcada pela ruptura com os padrões normativos da fluência e da inteligibilidade. Em uma conversa com meu primo, seu filho primogênito, perguntei de que maneira essa deficiência da fala estaria afetando sua vida, sobretudo porque meu tio ocupava um cargo de grande importância em seu trabalho e, em minhas memórias, sempre havia sido um homem reconhecido por uma fala socialmente le...gitimada. A partir dessa pergunta, nossa conversa se estendeu por horas, atravessando desde o momento do AVC até as mudanças desenvolvidas em sua relação consigo mesmo e com os outros.

De fato, tiveram afetações decorrentes da perda da fluência e da dificuldade de formular frases. Com a sua fala a-aleijada, emergia um sentimento recorrente de “im...potência”. Enquanto psicanalista, a escolha dessa palavra me deixou intrigado, pois ela mobiliza sentidos que extrapolam a dimensão da deficiência, em minha concepção. A impotência, nesse contexto, parecia articular-se à perda de atributos socialmente vinculados à masculinidade hegemônica: autonomia, controle, papel de provedor, autoridade e domínio da linguagem. Sua dificuldade em falar não era percebida apenas como uma limitação comunicacional, mas como uma fissura em sua própria posição masculina. Essa experiência me fez perceber que a normatividade da fluência não opera apenas sobre sujeitos gags. Ela atravessa qualquer corpo cuja fala escape ao regime.

Kafer (2014) propõe a noção de tempo heterossexual (*straight time*) para pensar um regime temporal organizado por expectativas de linearidade e coerência. Trata-se de um tempo que delimita rigidamente o passado, o presente e o futuro, orientando os sujeitos em direção a uma trajetória considerada linear. A partir dessa perspectiva, St. Pierre (2015) argumenta que o corpo falante deficiente interrompe essa-essa lógica temporal, pois sua fala produz desvios na cadência esperada da comunicação. As pausas prolongadas, os blo...queios, as repetições e as lacunas de significação instauram uma temporalidade oblíqua, na qual o fluxo contínuo da linguagem deixa de operar como garantia de inteligibilidade. A sintaxe gaguejada — e, nesse caso, também afásica — torna o movimento temporal viscoso, interrompendo a expectativa de velocidade e continuidade que sustenta a masculinidade normativa

Essa ruptura temporal possui efeitos particularmente intensos sobre os homens, uma vez que a masculinidade hegemônica está profundamente vinculada à ideia de controle. Espera-se do homem a capacidade de dominar a cena interacional, conduzir a comunicação de forma objetiva, res-responder rapidamente e sustentar uma fala firme, racional e segura. A fluência, nesse contexto, opera como capital simbólico masculino. Não se trata apenas de falar, mas de falar com autoridade. A velocidade da resposta, a estabilidade vocal e a ausência de hesitação tornam-se signos corporais de competência e poder.

Quando a fala falha, o próprio corpo masculino passa a ser lido como insuficiente. O homem disfluente frequentemente é percebido como inseguro, nervoso, emocionalmente frágil ou incapaz de exercer liderança. Isso ocorre porque a produção normativa dos sujeitos exige uma performance de capacidade corporal compulsória, fazendo com que determinadas formas funcionais sejam o único parâmetro para que um corpo importe e seja socialmente reconhecido (Butler, 2003; Mcruer, 2024).

Desse modo, a ruptura da linearidade vocal produz uma fissura na própria inteligibilidade social da masculinidade. A gagueira não ameaça somente a comunicação; ela tensiona um ideal masculino sustentado pela performance de autocontrole, domínio de si e administração contínua do tempo da fala. Isso ocorre porque os corpos tornam-se socialmente inteligíveis apenas quando conseguem reiterar, de maneira relativamente estável, as normas que organizam gênero e reconhecimento so-social (Butler, 2003). Quando a fluidez vocal é interrompida, instauram-se hesitação, ruptura e descontinuidade na performance masculina, desestabilizando os códigos que sustentam a leitura social do homem como sujeito seguro, racional e plenamente capaz de conduzir sua própria voz.

Foi justamente essa dimensão que emergiu na circulação do vídeo do jogador João Gomes nas redes sociais. Mais do que comentários sobre sua fala, o que se evidenciava era-era um questionamento constante sobre sua posição enquanto homem. As reações não se limitavam à estranheza diante da dis-disfluência, mas mobilizavam insinuações acerca de sua capacidade de sedução, liderança e autoridade masculina. A gagueira aparecia, assim, como um marcador capaz de deslocá-lo de uma posição tradicionalmente associada ao masculino hegemônico para um lugar de vulnerabilidade e suspeita social.

Figura 1- Captura de tela do post do João Gomes



Fonte: DataFut (17 de abril de 2026)³

³ DataFut. Disponível em: <https://x.com/DataFutebol/status/2011797557635080565?s=20>

Na postagem original havia a seguinte frase que iniciava a legenda: “Acima de tudo, ser compreensivo com o ritmo um do outro”. No *repost*, entretanto, essa frase foi apagada, deslocando completamente o enquadramento da cena. O que inicialmente aparecia como um convite à escuta e à compreensão da diferença temporal da fala passou a circular prioritariamente como objeto de entretenimento, deboche e vigilância coletiva da masculinidade. A retirada dessa frase não constitui um detalhe irrelevante. Ela altera as condições de leitura do vídeo, eliminando justamente o elemento que-que tensionava a normatividade da fluência ao propor outra relação possível com o tempo da fala.

Contudo, antes de continuar na análise dos comentários e das dinâmicas produzidas em torno do vídeo, considero importante apresentar brevemente o jogador. João Gomes, então com 21 anos, é um jogador de futebol brasileiro, negro e heterossexual. Revelado pelo Clube de Regatas do Flamengo, tornou-se uma das jovens *promessas* do futebol nacional até ser transferido para o Wolverhampton Wanderers F.C., equipe da Premier League inglesa. Sua trajetória se inscreve em um imaginário marcado por códigos tradicionais de masculinidade: o jogador de futebol competitivo, economicamente ascendente, fisicamente viril e heterossexual.

Esse aspecto é importante porque evidencia que João Gomes ocupa-ocupa, em diversos sentidos, uma posição de proximidade com a mas-masculinidade hegemônica. Sua juventude, inserção no futebol profissional, reconhecimento público e performatividade heterossexual o aproximam de um modelo socialmente valorizado de homem. Entretanto, a circulação de sua gagueira nas redes sociais demonstra que determinados marcadores corporais possuem força suficiente para desestabilizar, ainda que parcialmente, essa inteligibilidade masculina.

Figura 2: Captura de tela “imagina esse cara conversando com uma mina”



Fonte: DataFut (17 de abril de 2026)

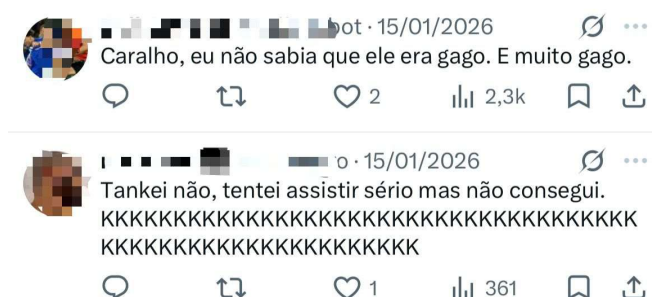
Os comentários que emergem da circulação do vídeo de João Gomes evidenciam que a gagueira, quando tornada pública, é rapidamente convertida em signo mo-moral e social. Não se comenta somente a disfluência; comenta-se aquilo que ela supostamente revela sobre o sujeito. Como argumenta Goffman (1975), o estigma opera precisamente nesse movimento em

que um atributo corporal específico passa a contaminar a leitura total da pessoa, reorganizando sua inteligibilidade social. A fala interrompida torna-se, então, uma espécie de “marca” capaz de deslocar João Gomes de uma posição de prestígio masculino para um lugar de vulnerabilidade pública.

O comentário “imagina esse cara conversando com uma mina” talvez seja um dos exemplos mais explícitos desse processo. A frase desloca imediatamente a gagueira para o campo da heterossexualidade e da sedução, como se a fluência verbal constituísse um pré-requisito para o exercício legítimo da masculinidade. Não se trata apenas de uma piada sobre fala, mas de um questionamento sobre desejabilidade masculina. Como observa Connell (2013), a masculinidade hegemônica é sustentada pela manutenção contínua de atributos associados à virilidade, confiança e domínio social. Nesse imaginário, espera-se que o homem conduza a interação, possua segurança verbal e exerça controle da cena comunicativa. A gagueira, ao interromper o fluxo esperado da fala, é lida como interrupção dessa própria competência masculina. Assim, a masculinidade opera como performance reiterativa sustentada por normas sociais de inteligibilidade de gênero (Butler, 2003). A fluidez vocal, a rapidez da resposta e o domínio da cena comunicativa tornam-se elementos corporais reiteradamente associados ao masculino legítimo.

Há, nesse comentário, o entrelaçamento com o capacitismo comunicacional (Cafeseiro, 2026), atravessado pela heteronormatividade. A pergunta implícita não é “como ele conversa?”, mas “como ele per-performa masculinidade diante de uma mulher?”. A masculinidade aparece condicionada à fluidez da fala. O homem gago, nesse caso, heterossexual, é situado, em uma posição de suspeita erótica e afetiva, como se sua disfluência comprometesse sua capacidade de sedução, liderança ou autoridade. Essa lógica aproxima-se à capacidade corporal compulsória, com a exigência contínua de corpos eficientes, funcionais e normativamente capazes como condição para reconhecimento social (Mcruer, 2024).

Figura 3: Captura de tela “Caralho, eu não sabia que ele era gago. E muito gago”



Fonte: DataFut (17 de abril de 2026)

Nesse comentário ao afirmar: “Caralho, eu não sabia que ele era gago. E muito gago.”, o que me chama atenção é que a segunda frase parece produzir uma espécie de intensificação da própria deficiência. Não basta afirmar que João Gomes gagueja; é preciso marcar que ele seria “muito gago”. Há aí um movimento de mensuração da disfluência, quase como se a fala pudesse ser organizada em níveis aceitáveis ou intoleráveis de desvio em relação à norma. O comentário não descreve apenas uma característica vocal, mas estabelece uma hierarquia da inteligibilidade.

A repetição do “muito ga...gogo” produz estranhamento porque explicita um limite social daquilo que pode ser reconhecido como uma disfluência *suportável*. Quando a gagueira ultrapassa esse limite imaginado, ela deixa de ser percebida apenas como diferença na fala e passa a ocupar o lugar de excesso. Nesse sentido, concordo com Garland-Thomson (2002) quando afirma que corpos desviantes frequentemente são capturados por um olhar marcado simultaneamente pela curiosidade, pelo desconforto e pela vigilância. A deficiência torna-se espetáculo observável.



Fonte: DataFut (17 de abril de 2026)

Ao ler o comentário “que agonizante” e o *gif* representando essa mesma sensação, não encontro apenas uma reação dirigida a João Gomes. Reconheço também formas históricas de

interpelação dirigidas ao meu-meu-meu próprio corpo. A agonia mencionada não parece derivar de qualquer sofrimento concreto produzido pela fala de João Gomes, mas da dificuldade do próprio ouvinte em lidar com uma temporalidade disfluente. Como propõe St. Pierre (2022), a gagueira interrompe o ritmo esperado da interação e força os interlocutores a confrontarem outra organização temporal da linguagem. O desconforto emerge porque a fala gaguejada rompe a expectativa da norma fluidocêntrica. A circulação da gagueira de João Gomes evidencia que a mas-masculinidade hegemônica não se sustenta apenas sobre atributos corporais visíveis, mas também sobre regimes normativos da fala e da temporalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre ga-ga-gagueira, masculinidade e violência comunicacional exigiu muito mais do que organizar conceitos. A escrita deste texto me atravessou de forma exaustiva. Retornar às memórias e reconhecer, nos comentários sobre João Gomes, a mesma vigilância que incide sobre mim produziu um movimento simultâneo de e-elaboração e de desgaste. As falas que o transformavam em espetáculo não estavam dirigidas apenas a ele; de diferentes maneiras, também miravam o meu corpo.

Ao longo do trabalho, ficou nítido que as interrupções, os olhares de impaciência e a antecipação de palavras não são episódios excepcionais. A violência da normatividade da fluência não grita apenas no insulto explícito; ela opera no sussurro ordinário e relacional que define quem tem o direito de o...cupar confortavelmente a cena comunicativa e quem deve provar sua inteligência antes mesmo de concluir uma frase.

Está escrita; portanto, recusa-se a ser apenas um exercício analítico. Ela é uma tentativa de reinscrição subjetiva. Ao assumir a primeira pessoa e permitir que a própria disfluência a-a-atravesse a forma do texto, busco tensionar a exigência acadêmica de neutralidade e de... controle absoluto da linguagem. É uma tentativa de recuperar minha presença em narrativas que historicamente foram produzidas sobre nós, sujeitos gagos, sem necessariamente sustentar o tempo da nossa escuta.

Não desejo romantizar essa exposição. O desconforto em ocupar publicamente o lugar de sujeito gago permanece. Ainda existem situações em que tento falhamente o-ocultar a disfluência, reformulando frases ou inventando atalhos para evitar o atrito da violência. A diferença, talvez, é que agora reconheço as engrenagens desse ocultamento. O problema nunca morou na repetição das sílabas, mas na exigência de uma capacidade corporal compulsória que transforma nossas temporalidades vocais em falha e insuficiência.

A principal aposta deste trabalho emerge justamente na recusa. Não defendo uma inclusão condicionada à nossa adaptação aos ritmos produtivistas da comunicação. A aposta é forjar outras formas de escuta, um *crip time* relacional que não dependa da fluência compulsória. Porque, no fim das contas, a questão não é simplesmente garantir que pessoas gagas consigam falar. Mas de produzir condições para que possamos existir vocalmente sem que cada pausa... repetição ou... hesitação seja convertida em desautorização, espetáculo ou vergonha.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CAFESEIRO, Café. **Ti-Tirando a gagueira do armário: Articulação identirária e subjetiva do corpo gaguejante dissidente sexual-gênero**. 2026. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Letras e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cachoeira, 2026.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, 21(1), 241–282, 2013.

DATAFUT. [Tweet]. *Twitter (X)*, 15 janeiro 2026. Disponível em: <https://x.com/DataFutebol/status/2011797557635080565>. Acesso em: 17 abril 2026.

DAVIS, Lennard J. (org.). **The disability studies reader**. 5. ed. New York: Routledge, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2011.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **The politics of staring: visual rhetorics of disability in popular photography**. In: SNYDER, Sharon L.; BRUEGGEMANN, Brenda J.; GARLAND-THOMSON, Rosemarie (org.). *Disability studies: enabling the humanities*. New York: Modern Language Association, 2002. p. 56-75.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. New York: Columbia University Press, 1997.

GAMA, Fabiene. **A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla**. Anuário Antropológico, Brasília, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KAFER, Alison. **Feminist, queer, crip**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MCRUER, Robert. **Teoria crip: signos culturais entre o queer e a deficiência**. Supervisão da tradução: Anahí Guedes de Mello et al. Tradução coletiva por grupo de 13 acadêmicos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2024.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.

ORTIZ, Karin Zazo (org.). **Distúrbios neurológicos adquiridos: fala e linguagem**. São Paulo: Manole, 2010.

ST. PIERRE, Joshua. Distending straight-masculine time: a phenomenology of the disabled speaking body. **Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy**, v. 30, n. 1, p. 49-65, 2015.

ST. PIERRE, Joshua. **Cheap talk: disability and the politics of communication**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2022.